AS FACES DO POETA OCULTAS NO EU-LÍRICO

Rita de Cássia Gemino da Silva (FAMA)
ritagemino@ig.com.br

Quem de fato acredita fielmente que o poeta não impõe sobre a sua obra a sua própria face? O ato confessional não perpassa somente pelo texto em prosa, ele pode também recair sobre um único verso de um inocente poema. O eu-lírico pode ser o *alter ego* do autor, esconder suas mazelas, os segredos, suas faces ocultas, a intimista emoção sobre o amor proibido ou a notória ideologia política que o circunda? Essas e muitas questões poderiam constituir o objeto de pesquisa da teoria literária e abastecer as mentes de muitos leitores que vasculham os versos à procura de uma significância de entendimento, de descoberta do segredo que o poema esconde. Mas a poesia é plurissignificante. E quantos não enxergam nas estrofes a própria face? O poeta, "um fingidor", utiliza-se do eu-lírico para se reproduzir em mil facetas. É capaz de se transformar em homem, quando é mulher; se faz de sol, de "dobradiças do tempo", em "alegoria" fugidia, em "andarilho" e em "meninos de Bandeira". Esse "fingidor", poeta de ocasiões, capta a sinestesia do momento, a fragrância entre as vestes, os retalhos que atam a sua vida, o devir do destino e se alterna, dentro da poesia, entre o real e o imaginário.